



Metáforas poéticas

Herculano Alencar

A metáfora é uma espécie de alegoria, que a poesia empresta da linguagem para desfilar na mente do poeta!



Metáforas a uma quimera

Ao longe vejo um sonho que espera
o sono que a noite me negou!
E mesmo acordado, como estou,
ainda sou refém duma quimera:

A flor da mais antiga primavera
que o tempo cultivou no seu sorriso;
que me inebria a alma e o siso,
hoje bem mais vermelha do que era.

A flor que se abriu sob os lençóis
quando a paixão enfim falou por nós
e a noite acolheu nossos anseios.

A flor que fecha a porta do seu ventre
à espera que meu sonho um dia entre,
ou morra, ao relento, nos seus seios.

Metáforas, nada mais!

Se por acaso a morte me alcançar
antes que eu chegue à porta do perdão,
eu vou teimar, eu vou dizer que não
e vou mandar alguém no meu lugar.

Se por acaso a morte disser não,
depois que eu consiga alcançar
aquele que há de ir no meu lugar,
já estarei à porta do perdão.

Se por acaso à porta do perdão,
ainda assim a morte disser não,
vou enterrar meu único pecado:

Dormir sob os lençóis da poesia
até raiar a luz de um novo dia
fazendo amor nos sonhos do passado.

Metáfora do amor eterno

E voa, e voa, e voa, e não descansa,
que o céu até parece de brinquedo.
E leva em cada asa um segredo
que escondeu nos sonhos de criança.

E voa, entre a coragem e o medo,
por sob a dor silente e o gemido,
a procurar o beijo adormecido
que pôs uma aliança no seu dedo.

E voa... pés no chão, olhar perdido...
um eco a ressoar no seu ouvido
a voz, de um amor, emudecida.

E voa, e voa, e voa, e não se cansa
de bater asas (plumas de esperança)
atrás do mesmo amor em outra vida.

Metáforas ao deus verde

E fez, à sua imagem e semelhança,
uma obra repleta de defeitos!
E, assim, perpetuou no que foi feito,
o ódio, a soberba, a vingança...

Firmou, então, estranhas alianças
com suas malfadadas criaturas!
E se pôs a reinar lá nas alturas,
onde o ponto de vista não alcança.

E estendeu seu reino para além
do mal, do julgamento, ou do bem
e muito mais além do que podia...

Até que, de tão grande, o seu reinado
se quedou, facilmente dominado
por cada uma e todas suas crias.

Metáfora política

Por sob o calvo lombo dessa serra
estende-se um lençol de água turva
de onde a mentira faz a curva
e emerge, qual verdade, pela a terra.

O vinho nada mais guarda da uva.
O mel não é produto da abelha.
A rosa nunca foi rosa vermelha.
Orio não precisa mais da chuva.

Por sobre o calvo lombo dessa serra
a paz, de braços dados com a guerra,
exibe sua espúria união.

O ódio, a calúnia, o preconceito...
ganharam de presente o direito,
que há muito se negou ao cidadão.

Metaforismo

Subiu a serra o homem descuidado,
certo de que a serra mostraria
de lá do alto toda a poesia,
que imaginava ter do outro lado.

Mas, ao chegar no cimo, o coitado
não viu sequer um verso prometido,
tampouco encontrou algum sentido
por todo o trajeto caminhado.

Cuidado com a serra, minha gente,
pois ela é muito, muito diferente
do que nos prenuncia a visão.

Quem se deixa enganar por aparência,
quicá há de enterrar na consciência
o verso que morreu no coração.

Metáfora musal

Voava, sobre a mata, um vagalume
em busca de uma flor inda botão.
Sabia ter a flor raro perfume,
mas precisava tê-la na visão.

Enquanto ele voava, a piscar...
viu sapo, gafanhoto, viu lagarto...
mas não notou a flor a perfumar,
tão tímida e formosa sob o mato.

Quando voltou e fez o seu relato,
disse: —"Essa floresta não tem flores",
pois que olhara tudo e, que de fato,
vira alguns insetos furta-cores.

Só vê a flor-do-mato, meus senhores,
aquele que enxerga com olfato.

Metáfora fugaz

Olho, pela janela escancarada,
o meu pequeno mundo, mundo afora...
e vejo o futuro ir embora,
enquanto dá-se luz à madrugada.

O mundo é uma coisa engraçada!
Ajusta-se ao tamanho da janela,
que, se oculta mais do que revela,
revela, em cada passo, nova estrada.

O mundo da janela é um pedaço
do mundo que revela, a cada passo,
a vida em uma fita de cinema...

A minha vida, qual minha janela,
é parte de um mundo, sem tramela,
por onde entra e sai qualquer poema.

Metáfora da reencarnação

O sangue antepõe-se ao gemido,
que anuncia a morte iminente!
A dor desaparece de repente
e a vida passa ter novo sentido.

O homem, ora morto, dividido
entre a realidade e a crença,
procura qualquer coisa que o convença
de que será por Deus reconhecido.

E Deus, em seu juízo, onisciente
declara ser o homem inocente
de todos os pecados cometidos.

E, assim, o homem morto vira santo!
E finalmente, como por encanto,
a dor volta em busca dos gemidos.

Minha mais tola metáfora

Um pomposo colar de esmeraldas
lhe abraçava o pescoço displicente.
Nenhum olhar ficava indiferente
ao brilho de tais contas peroladas.

A bela dama, ar de inocente,
olhar errante (súdito do riso)
dava sinais fugazes, imprecisos...
qual fosse o sibilar duma serpente.

O colo insinuante era um aviso.
Um convite silente e indiscreto.
Aquele olhar que fez ficar ereto
o pomo de Adão no paraíso.

E eu, o novo Adão de hoje em dia,
a cobiçar maçãs de silicone,
peguei, discretamente, o telefone
como que examinasse a bateria.

Então ela se foi pra junto ao mar,
pôs o belo colar por sobre a areia
e tão inquieta, quanto a maré cheia,
despiu-se sob a benção do luar.

E eu, um Don Juan de lua cheia,
a cobiçar quadril lipoaspirado,
larguei na areia o sêmen do pecado
pra povoar os mares de sereias.

Metáforas de um Niilista

Eu sou um hematófago exangue,
que já viveu momentos de pletora.
Sou o vampiro triste, que outrora
viveu de esbanjar amor e sangue.

A morte, minha dama e senhora,
trocou meu coração por um abraço.
Eu hoje já não sei mais o que faço, s
e lhe dei minha alma de penhora.

Vampiro, hematófago, poeta...
eu sou uma versão quase completa
do erro capital da criação:

um ser, que à imagem e semelhança
do todo-poderoso, não alcança
nem mesmo o que lhe vem no coração.

Metáfora para um líder

Enquanto o chefe exige hierarquia
e veste a roupa suja do patrão,
o líder vai em busca da missão,
qual um poeta atrás da poesia.

Enquanto o chefe cobra e sentencia
e ouve a sua própria opinião,
o líder vê a obra em construção
e ouve a voz de todos todo dia.

Enquanto o chefe sempre tem razão
e faz prevalecer sua visão
sobre a visão de todos os demais,

o líder simplesmente põe a mão,
seja no remo, seja no timão,
enquanto a nau desliza até o cais.

Metáforas de uma poesia muda

A noite espreguiçava o a amanhã
brincando de esconder, à luz do sol,
que reticente, ao som de um rouxinol,
corava a face exposta das maçãs.

O dia, mal saído do lençol,
fingia não ter pressa nem ter hora.
E lânguido, ciente da demora,
flertava um displicente girassol.

O mundo desabava em poesia,
enquanto em mim (poeta) amanhecia
o último suspiro da aurora:

um sonetinho feito à candeia,
que fez o sol fingir ser lua cheia,
até ver a saudade ir embora.

Metáfora vazia

O poeta não finge um sentimento,
ainda que o credite à poesia.
Se assim não fosse, então o que seria
de mim e da metáfora que tento,

se, no entanto, não é meu intento
dizer exatamente o que queria!?
Se sou poeta, sabe... eu não sabia...
mas sei o que me vai no pensamento:

Eu penso ser poeta algum dia.
E se, por ser poeta, for preciso
dissimular o choro com um riso,
sentir a dor que há muito não doía...

Então hei de regar, no paraíso,
a flor de uma metáfora vazia.

Metáforas da saudade

Amor de mãe... o filho já crescido
teima ficar premido na lembrança,
como um primeiro passo de criança,
ou um primeiro dente amolecido.

Olhar pra trás... o tempo já vivido;
o beijo da primeira namorada;
página de revista, ejaculada,
que inda hoje guarda seus gemidos.

Saudade é escutar os tempos idos;
ouvir um sonho antigo a cada dia!
Saudade é remexer coisas vazias
pra encontrar o livro nunca lido!

Amor de mãe... o filho falecido
teima ressuscitar em poesia.

Metáfora nupcial

Maria, com seu fogo ainda aceso,
olhava o paio duro a ebulir...
Domingo à noite, pronta pra dormir...
enxerga o paio duro inda mais teso.

Mas como o paio sabe o endereço
do fogo de sinhá- dona Maria
e estava quase cru naquele dia,
teria de ebulir a qualquer preço.

Maria titubeia no começo,
mas logo bota lenha na fogueira...
e o paio ferve mais , enquanto cheira,
virando o fogareiro pelo avesso.

Maria então suspira: —eu mereço!...
e come paio até segunda-feira.

Metáforas do ardil poético

Certa vez um poeta do Parnaso
acordou uma linda borboleta,
que dormia no fundo da gaveta
naquele dia, como por acaso.

—Que fazes tu aqui oh! borboleta!
Exclamou o poeta desdenhoso.
—Não vês que atrapalhas meu repouso?
Retrucou, prontamente, a borboleta.

Pegou-a o poeta com veemência
e arremessou-a contra uma janela.
A borboleta, lívida e bela,
escarneceu com falsa inocência:

—Bendito sejas tu, parnasiano!
Me deste a liberdade por engano.

Subvertendo metáforas

Eu faço do arroteo um fonema,
enquanto a verve morre de azia
e evoca a usual cropolalia,
que faz da fez a musa do poema.

Carpido no grotão de um empiema,
vim despejar, na fossa do parnaso,
a poesia morta (do ocaso)
e anunciar um novo estratagema:

subverter de vez a poesia
e sepultar a plêiade lobista,
que compra e vende a alma do artista
por todos os balcões da academia.

Pra metaforizar hipocrisia,
Informo, que estou pagando à vista.

Soneto metafórico

Porejou em meu peito um poema
minado de fecunda inspiração!
Roubou de mim a lira, sem perdão,
como o perfume rouba o alfazema.

Então virei artista de cinema:
um rei, que era rei e não sabia
e, que ao saber, fundou a dinastia
onde os poetas vivem seus dilemas:

Forjar no verbo lápides de ouro;
forjar no ouro réstias de sol;
forjar no sol raríssimo tesouro

e, do tesouro, a luz do arrebol.
Fazer a dor carpir o próprio choro
e o astro rei curvar-se ao girassol.

Metáfora rural

Chapéu de palha sob a fulva esfera,
orvalho da labuta sobre o corpo,
um pranto ainda vivo, um riso morto,
o peito a turgescer na longa espera.

Um quê de quem não é mais o que era,
um peso, sob o ventre e a moral,
à espera de um parto natural,
há pouco mais de quinze primaveras.

O gume do facão corta a verdura
da cana, que lhe adoça o sentido;
o mel a salpicar pelo o vestido,
já um tanto esgarçado na cintura.

O pária de tal sina, a essa altura,
fugiu antes do filho ter nascido.

Metáfora do amor eterno

E voa, e voa, e voa, e não descansa,
que o céu até parece de brinquedo.
E leva em cada asa um segredo
que escondeu nos sonhos de criança.

E voa, entre a coragem e o medo,
por sob a dor silente e o gemido,
a procurar o beijo adormecido
que pôs uma aliança no seu dedo.

E voa... pés no chão, olhar perdido...
um eco a ressoar no seu ouvido
a voz, de um amor, emudecida.

E voa, e voa, e voa, e não se cansa
de bater asas (plumas de esperança)
atrás do mesmo amor em outra vida.

Uma metáfora para minha filha

Ser pai e ser poeta, minha filha,
é rir-se da imagem no espelho
ao ver-se, feito bobo, a dar conselho
e a esbarrar na própria armadilha.

É ter que tomar conta do bedelho,
que abre e fecha a porta do futuro.
É tatear um norte no escuro,
pra não deixar a filha de joelhos.

Ser pai e ser poeta, minha filha,
é ter que viajar na velha trilha
coberta pelo barro do divino.

E por eu ser teu pai e ser poeta,
tu és a minha rima predileta
nos recitais de versos do destino.

Metáforas de um flagrante

À sombra de um livro de poemas
dormem os olhos verdes da menina!
O mar revolve a areia, branca e fina,
enquanto uma gaivota bate penas...

Chapéu de palha, sombra pequenina,
protege-lhe os sonhos de verão,
enquanto o vento morno varre o chão
e o sol bate-lhe às portas da retina.

À sombra da menina, a poesia
avulta-se em versos, rodopia...
e torna o belo muito mais perfeito.

E eu, que era um poeta de passagem,
me pus a rabiscar tão bela imagem
na tela imaginária de um soneto.

Metáfora ao bucolismo filosófico

Quando o mugir do boi desperta o dia,
o sol chacoalha luzes sobre o pasto,
eu me pego a pensar o quanto é vasto
o chão que Deus plantou a poesia.

Aqui e ali, um verso anuncia
o parto de um poema concebido.
A terra abre o ventre adormecido
e espalha vida feito epidemia.

Quando o ruflar das asas silencia,
o sol veste as cobertas do horizonte,
a lua ascende aos céus por trás do monte
e toda essa saudade se esvazia...

Eu me pego pensado nesse instante,
que tenho muito mais que merecia.

Metáforas para um dia qualquer...

Há uma luz na linha do horizonte
e outra na cortina da aurora.
Há um amor que já se foi embora
e outro a retornar a todo instante.

Há um poeta atrás de um diamante
e outro ao encontro de um soneto.
Há uma marcha harmônica no coreto
e um bolero no jantar dançante.

Há uma dor que dói fora de hora.
Há um adeus que chora e que demora
em virar simplesmente: "até um dia".

Há um perdão no peito de uma amante.
Há um olhar que enxerga tão distante,
que é incapaz de ver a poesia.

Metáfora aos poetas

Eu nunca li sequer um verso teu.
Te desprezei, de todo, o pensamento,
como se fosse nada, um excremento:
a fez que de tão velha apodreceu!

Tosco, que sempre foste, como eu,
também não leste nada do que fiz.
Nem mesmo "o beija-flor da flor-de-lis"
sequer, de ti, um cisco mereceu.

Nós somos dois poetas tão iguais,
que um não vê o outro ser capaz
de traduzir a própria inspiração.

E por sermos assim tão semelhantes
vamos morrer, os dois, bem muito antes,
que cada um encontre uma razão.

Metáfora sexual

Abrem-se as nalgas à passagem
do calvo e reverente serviçal.
A dor dá ao prazer sabor igual
por todo o percurso da viagem.

Um beijo na coluna cervical
acalma e agita o corpo em chama.
A boca a sussurrar o quanto ama
a cada incursão do genital.

Os seios escondidos sobre a cama,
pudicas testemunhas de um drama
em que o amor supera o preconceito.

O sexo não vê anatomia
percorre o corpo atrás de poesia
até achar o verso mais perfeito.

A metáfora do par humano

E, da sua imensa sabedoria,
nasceram os gineceus e androceus,
que se opuseram aos desígnios de Deus,
em nome de uma eterna confraria.

De um lado, a seiva que vertia
a deslizar no tronco do carvalho,
para afogar-se no pequeno talho,
que o ventre da floresta escondia.

Obrou-se um milagre à revelia
dos brados onipotentes do Senhor,
quando o viril girino fecundou
os descendentes da humana poesia.

Do outro lado, convulsos, em agonia,
vítimas da flor e da espada
vertiam o seu sangue na estrada,
a macular a vida que nascia.

E, enfim, da humanoide sepsia,
morreram os gineceus e androceus,
que, finalmente, devolveram a Deus
a equidade que Ele lhes devia.

Metáforas para "Arca de Noé"

E deus disse a Noé um certo dia:
-não vês o quanto o mundo está perverso?
-Noé, põe no soneto mais um verso,
pois resolvi matar a poesia.

Noé, que era poeta e não sabia,
ouviu calado a voz do criador
e pôs-se a carregar o seu andor,
negando a voz de deus por onde ia.

E assim ergueu-se o túmulo da fé,
que resistiu ao tempo e está de pé,
aposto a um soneto: o estrambote.

E a poesia, deusa sem igreja,
que sabe o que deus pensa e deseja,
exibe os fartos seios no decote.

Metáforas expectantes

Além, pra muito além daquela serra,
que borra a visão do firmamento,
ressoa o farfalhar do pensamento,
que ora se espalha sobre a terra.

As rosas, arrastadas pelo vento,
enfeitam o amanhã que se anuncia,
nos arranjos florais da poesia,
a beleza que é parte do momento.

Além, pra muito além do infinito,
a voz do amanhã ecoa o grito
de cada uma lágrima contida.

O sol se matém, à luz da esperança,
enquanto inda houver uma criança
a mendigar um prato de comida.

Metáfora verbal

O tempo, que passou, conjuga no passado
o verbo da traição na terceira pessoa.
E, como é do tempo, o tempo sempre voa
nos ares do presente que foi conjugado.

O tempo, que hostil, traiu a primavera
no frio hibernal a congelar as flores,
traiu as estações em troca de favores.
O tempo não dá tempo e tampouco espera

da flor, no tempo certo, o que dela gera.
É tempo de colher, o fruto está maduro,
mas é extemporâneo, é fruto doutra era!

E embora, pelo aroma, seja doce e puro,
é fruto da traição que o tempo fez quimera:
pretérito-imperfeito em busca do futuro.

Metáfora à embriografia de um poeta

A poesia, ave indomada,
brame por sobre o chão do pensamento...
Asas abertas... voa com o vento
e foge para o céu na longa estrada.

Estrada bela que não leva a nada,
mas liga alma e mente ao coração
e liga o fim do céu ao fim do chão
e o ponto de partida ao de chegada.

Resta ao poeta (jaula arrebatada)
deixar a porta aberta tão somente
e desfrutar a paz que ora sente
enquanto aguarda nova revoada.

E assim recomeçar nova jornada
nas asas que alaram sua mente.

Metáforas algemadas

Menino, ainda tolo, ele era,
quando escreveu a última sentença.
Pois quando se escreve o que se pensa,
liberta-se, da mente, uma megera.

Menino, nunca soube o que fizera
pra ver-se alijado da escola:
nunca roubou nem nunca cheirou cola,
nem esmagou a flor da primavera.

Fecharam-lhe as portas (todas elas)
sem que jamais soubesse a razão.
Muito depois, passada a escuridão...
De tanto ter forçado a janela,

alou a liberdade e só, com dela,
trancou todo o passado na prisão.

Metáfora possessiva

Bebi o sangue rubro das palavras,
qual um vampiro, em plena lua cheia!
Bendisse cada gota e cada veia
e cada uma hemácia desta lavra.

E, ascendendo pela veia cava,
Cheguei lá onde reina o coração.
Enquanto uma bulha disse não,
outra disse o quanto me amava.

Assim, qual uma aranha ao fim da teia,
deixei um fio entre um grão de areia
e o luzir do luar (colar da lua).

E quando enfim o canto da sereia
anunciou o fim da doce seia,
a minha dor pediu perdão à tua.

Metáfora à pena de um tal Sabiá

O sogro português (o velho Pena)
tinha por seu herói um pescador,
que, como é razoável se supor,
pescava nas marés de Ipanema.

Um dia sua nora, Rosa-flor,
achou um sabiá em um poema
e como numa fita de cinema,
fe do tal sabiá um grande amor.

Hoje, que uma tristeza se abate
por sob o céu vermelho escarlata
e ouvi, dos meus lençóis, o sabiá,

fiz do meu coração uma palmeira.
Quiçá o sabiá ainda queira
trazer Gonçalves Dias para cá.

Metáfora à gênese perfeita

Enquanto o mar brinca de roda na areia,
ela passeia sua sensualidade...
E segue alheia ao meu olhar, minha vontade
e à tempestade de desejos que a rodeia.

O sol prepara a tez morena para a ceia;
ela penteia os cabelos contra vento.
Anda na areia a balouçar seu argumento
deixando o vento morno lhe soprar a teia.

O meu olhar, que pelo seu olhar vagueia,
se desnorteia qual um barco à deriva;
E do seu ventre um flamar de água-viva
agita-me o sangue a transbordar nas veias.

Nesse momento o vento agita e serpenteia;
o mar recua as barbas brancas no horizonte;
uma gaivota leva o céu pra bem distante
e Deus recria o homem de um grão de areia.

Metáfora ao nascer de um poema

Qual uma flor gestando seu perfume,
a florescer no alto (quase nua)
na imensidão do céu, que vai à lua
e volta à terra à luz de um vaga-lume,

nasce, do vão poeta, a poesia,
na emoção lasciva do momento.
E, assim, de tão fecundo, o pensamento
desfaz-se em flor usando igual magia.

Pois que da flor exala a emoção
e na emoção a mente abre e cresce...
e, de tão grande, invade o coração.

Da poesia faz-se uma prece
e, da metamorfose da paixão,
vê-se enfim o casulo que ela tece.

Uma metáfora para segunda-feira, 24 de dezembro de 2012.

Hoje é segunda feira, vinte e quatro
e o sol começa a dar sinais de vida.
Algo dentro de mim não mais duvida,
que já se armou o palco no teatro.

Por onde andará Inês de Castro
se a pena de Camões ora descansa?
Onde andará a musa da criança
que fui, antes de ser um poetastro?

Hoje é um dia antes do natal
e o palco me parece sempre igual,
exceto por alguns poucos senões:

Inês é morta há muito e, no entanto,
não vi, na primeira fila, aquele banco,
que Deus sempre reserva pra Camões.

Metáfora cartesiana

A dúvida é um bem e é um mal.
Um bem, porque ensina a razão
ouvir a voz que vem do coração
e chega ao hemisfério cerebral.

Um mal, porque incita a negação
de tudo o que não pode ser provado
e põe, no mesmo cesto, lado a lado,
o ceticismo, a crença e a paixão.

Quem não duvida nunca tem certeza
se apagou ou se deixou acesa
a luz incandescente do saber.

E quem duvida sabe, lá no fundo,
que a única certeza deste mundo
é que, a qualquer hora, há de morrer.

Metáfora da poesia viva

Morre o poeta, mas a poesia
(que é a sua alma verdadeira)
renasce como a uva na videira,
que será cacho, ou vinho, algum dia.

Pois que a vida é a alquimia
do mundo em total transformação.
O que é hoje só um simples grão
será o nosso pão no outro dia.

Assim, segue o poeta seu destino:
envelhecer... voltar a ser menino...
morrer e renascer cada momento.

Enquanto a poesia permanece,
qual a semente viva, que floresce,
pois é a porta-voz do pensamento.

Metáfora de um verso solto

Há uma flor em plena primavera,
que teima em esconder o seu perfume:
é uma rosa rubra que presume
ser, do poeta, a última quimera.

Há um poeta nu (um vaga-lume),
que pensa ser o nobre beija-flor,
que voa, no seu mundo multicolor,
nos céus da poesia e do ciúme.

Há um poema pronto que espera
a poesia (flor da primavera)
anunciar a próxima estação.

Há, no poema, um verso que resume
o beija-flor, a rosa, o vaga-lume...
e, do poeta, toda a inspiração.

Minha própria metáfora

Colhi milhões de versos e guardei-os
nos silos majestosos do Parnaso!
Um dia descobri, por um acaso,
que os versos que guardei eram alheios.

Alguns foram roubados de Picasso,
outros de Portinari e Caravaggio.
Portanto, todos eles eram plágios:
a arte copiada passo a passo.

Plantei um verso triste em um poema:
um verso que exprime a dor suprema
do parto natural da poesia.

Colhi a poesia por inteiro,
que tem a minha cara, o meu cheiro
e tudo mais que a dor me propicia.

Metáfora bipolar

Às vezes sou poeta, outras, gente;
às vezes eu sou tudo, outras, nada.
Às vezes sou um rês numa manada;
outras eu sou um ser inteligente.

Às vezes eu me julgo diferente;
às vezes penso igual à maioria.
Às vezes eu componho poesia;
outras, aborto o verso inda na mente.

Às vezes passo o dia indiferente
a tudo o que existe em minha frente,
como se eu fosse parte da paisagem.

Às vezes qualquer coisa me comove
e saio a procurar algo que prove,
que Deus não me criou à sua imagem.

Metáforas de um átimo

O soneto que ora vem-me à pena,
carregado na tinta da paixão,
faz o verso suar na minha mão,
como Páris nos braços de Helena:

um amor, que de grande, se apequena
pra caber nos umbrais da poesia,
como Sartre no "Mundo de Sofia",
como Esparta à porta de Atenas.

O soneto que veio à minha pena
trouxe ao verso um sabor de Madalena
quando deu-se aos cuidados de Jesus:

um amor entre o mito e a verdade,
que uniu o pecado à santidade
sob um céu de mentira à meia luz

Metáfora da roda viva

Já quase noite, no final da tarde,
o sol deixa no céu sua rubrica!
A lua, como luva de pelica,
toca a Estrela Dalva, sem alarde!

Há um desejo impune que inda arde,
desde o chão até o firmamento,
qual a lembrança presa no momento
em que o sol fugiu na sobretarde.

Já quase madrugada, a noite deita
nos braços da manhã (ora desfeita),
que dorme bela, calma e displicente.

Um novo dia enfim se espreguiça
e faz a natureza submissa
à luz, que inunda o céu, do sol nascente.

O trem do ocaso

E lá se foi o trem marcando passo:
um dois, um dois, piuiu... piuiu... piuiu...
passou por mim, mas acho que não viu
minha ilusão à espera de um abraço.

Não viu a imensidão do meu cansaço
banhado no suor da longa espera.
Não viu ou fez de conta que não era
o trem que arrasta o tempo no espaço.

E lá se foi o trem (vagão de aço)
a carregar de mim mais um pedaço
da alma que pensei que fosse minha.

Não viu ou fez de conta que eu era
um vulto que esperou, e ainda espera,
o trem que há de levá-lo ao fim linha.

Metáfora do primeiro amor

Quando nasceste (meu botão de rosa)
e ainda mal sabias perfumar,
eu era um colibri solto no ar,
qual um poema em busca de uma prosa.

Teu corpo era uma pétala viçosa
a suplicar um pouco carinho.
E eu não era mais que um passarinho
implume a esperar que fosses rosa.

Desabrochaste, enfim, o teu encanto
e enxuguei o teu primeiro pranto,
como se fosse um velho colibri.

Então voei, voei...o mundo afora...
Passou-se tanto tempo e, ainda agora,
as minhas asas batem só pra ti.

Metáfora de esperança

Nascida sob a égide divina,
viveu, como andarilho, pelo mundo,
a consolar os pobres moribundos,
até que se cumprissem suas sinas.

Cresceu, entre escombros e ruínas,
a soerguer castelos de areia.
Foi muro de arrimo, foi candeia
a iluminar as sombras nas esquinas.

Sofreu sem dar um ai, um só gemido,
até que a morte veio (a seu pedido)
e ofereceu-lhe a mão para uma dança.

Morreu de insistência e de cansaço,
a fazer jus, desde o primeiro passo,
ao nome de batismo: Esperança!

Metáfora de um soneto a termo

Há um soneto a termo em minha mente,
à espera de um espasmo de talento,
que possa induzir o nascimento
do verso que serviu-lhe de semente.

Há um soneto à espera do momento
em que há de parir a dor silente,
que se fartou de mim e, de repente,
submergiu no mar do pensamento.

Há um soneto em busca da cegonha,
que quer nascer, mas morre de vergonha
por não herdar, no gene, a perfeição.

Dane-se a pena d'ouro do parnaso,
pois vais nascer e, mesmo com atraso,
hás de mostrar ao mundo o teu quinhão.

Metáfora do Adeus

O adeus é uma semente da saudade,
que brota e floresce, e ganha o mundo,
e se enraíza tanto, e tão profundo,
que mata, de velhice, a mocidade.

Todo adeus tem um "Quê" de majestade:
aquele ar sombrio e intrigante,
que faz, da eternidade, um instante
guardado sob as teias da idade.

O adeus é uma lágrima tardia,
que se desfez nas curvas da história
e inundou os lagos da memória
com a lembrança viva dalgum dia.

Todo adeus tem um "Quê" de poesia,
que segue o pranto ao léu da trajetória.

Metáfora da criação

Quando um poeta sente a poesia
incandescer a luz do pensamento,
percebe que é chegado o momento,
que a pena vai, enfim, lambe a cria.

O cérebro ajusta a sintonia
com todos os sinais da criação:
o amor, o ódio, a flor, a solidão,
o riso, o pranto, a dor, a agonia...

A alma, solidária, desafia
o bardo a fazer a travessia
da ponte entre o real e o irreal.

Quando o poeta lambe a sua cria,
a pena beija os pés da poesia
e Deus pode assinar um novo aval.

Metáfora ao menino velho

Criança, eu pintava meus cabelos
com o pó de giz trazido da escola.
Ficavam bem mais brancos que agora,
que tento, a todo custo, enoitecê-los.

Meu Deus, ó quanto eu queria tê-los,
qual plumas de algodão em falsa neve!
Pedia que viessem o mais breve,
que eu fosse capaz de merecê-los.

E foi-se o tempo e fez-se o degelo,
e foram-se as chuvas e os anos,
até que enfim cumpri todos os planos
pra cada um dos fios de cabelo.

As minhas cãs são parte dum novelo
em que embaralhei meus desenganos

Metáfora existencial

Bateu-me uma saudade sem motivo,
que eu não sei do que, não sei de quem!
Não sei se de um lugar ou de alguém,
mas ando muito triste, pensativo...

Meu coração, em tom repetitivo,
parece insistir em me contar
que sabe, ou que já ouviu falar,
que a saudade é um lenitivo

pra dor insuportável da paixão.
Como é metido à besta o coração,
sinceramente, não lhe dei ouvido

e pus-me a indagar à poesia.
Contando hoje...já perdi os dias...
e nem uma resposta faz sentido.

Metáfora da saudade

Saudade, um fim de tarde anoitecido.
O sol deitando os raios no poente.
Saudade, dor distante, indulgente,
que dói só pra forjar algum gemido.

Saudade, o olhar da minha gente
perdido sabe lá, meu Deus, por onde.
Saudade, uma lembrança que se esconde
por trás dalguma sombra no presente.

Saudade, um fim de noite amanhecido.
O sol rasgando o sono das manhãs.
Saudade, um revoar de jaçanãs
que ainda voam cá, no meu ouvido.

Saudade, dor que dá algum sentido
às dores que não têm solução.
Saudade, um ponto de exclamação
no verso, de um poeta, nunca lido.

Saudade, uma espécie de sentido,
que nem pra Deus existe explicação.

Metáfora do estio poético

Algo ofuscou o sol dentro de mim
e sombreou o cio em minha alma!
A dor, entre sorrisos, bate palma
pro estio em que repousa o meu jardim.

A rosa que eu plantei virou capim
e a praga devastou-me a poesia.
Hoje sou um escravo da agonia,
que anuncia o parto do meu fim.

Poeta já não sou, murchou-se a lira!
Só resta-me um verso que delira
no inóspito deserto do meu ser:

Um verso de amor, um penitente...
qual um botão de flor na minha mente
à espera de um soneto pra nascer.

Metáfora da solidão

O meu passado andava pela areia,
qual sombra do presente no caminho,
enquanto eu desdenhava o colarinho,
como se a vida fosse coisa alheia.

Do mar, zunia os cantos das sereias
como soluços, náufragos de amor,
enquanto eu desmanchava de calor,
como se o sol queimasse minhas veias.

Do vento, um espiral redemoinho
tangia as lembranças pela areia,
enquanto a preamar da lua cheia
lavava o cheiro do buquê do vinho.

Do céu, um véu de luz azul-marinho
cobria a solidão com sua teia.

Metáfora do menor abandonado

Vagava pelas ruas da cidade
de pés no chão, estômago vazio...
Presente de futuro tão sombrio,
que os anos não contavam sua idade.

Na rua, o tropel da falsidade perambulava,
com indiferença, enquanto ele cumpria a sentença,
que a sorte lhe impusera, sem alarde.

Assim... foi vegetando, até que a morte
ofereceu-lhe o seio como aporte,
por conta do seu último gemido.

E, ao partir, deixou-nos de herança
nas ruas, um exemplo de criança,
que faleceu sem nunca ter vivido.

A metáfora do capital e o trabalho

Nos ombros, um casaco de vison.
À mesa, ovas frescas de esturjão.
O maitre sinaliza pro garção,
que serve um cabernet sauvignon.

Os saltos trocam passos no salão
e põem os paletós em desalinho.
A música disputa com o vinho,
que faz da taça seu diapasão.

Nos ombros os detritos do jantar.
À mesa ovas murchas de esturjão.
A pia sinaliza pro sabão
a louça que o espera pra lavar.

Há sempre, a dar sustento ao caviar,
a força de um prato de feijão.

Metáfora do voo poético

A poesia, ave indomada,
brame por sobre o chão do pensamento...
Asas abertas... voa com o vento
e foge para o céu na longa estrada.

Estrada bela que não leva à nada,
mas liga alma e mente ao coração
e liga o fim do céu ao fim do chão
e o ponto de partida ao de chegada.

Resta ao poeta (jaula arrebatada)
deixar a porta aberta tão somente
e desfrutar a paz que ora sente
enquanto aguarda nova revoada.

E assim recomeçar nova jornada
nas asas que alaram sua mente.

Uma parábola para Rimbaud

E, ao parir as dores da costela,
olhou pra Deus, com olhos de Adão,
e desnudou com sua própria mão,
de todas criaturas, a mais bela.

Até o Pai sentiu vergonha dela,
e se escondeu, por trás da onipotência,
e fez Adão ter plena consciência
do pecador que ora se revela.

E ele e Deus, em santa comunhão,
a despojaram (como de costume),
por conta da inveja e do ciúme,
dos dotes conjugais da criação.

Adão morreu (com sua geração)
e a deusa nua, coberta de luto,
adormeceu à espera do indulto,
que desse fim à vil escravidão.

Até que um noviço vagabundo
veio quebrar seu luto secular,
e o mundo desde então pudesse olhar
à luz do novo olhar do novo mundo.

Fez da beleza o pomo mais fecundo
e assim reescreveu a profecia:
tornou o verbo escravo da poesia
e a poesia, Senhora do mundo.

Metáfora do desejo, paixão e amor

Nua, sem uma pétala sequer,
a flor envergonhada se escondia,
por trás de um buquê de poesia,
num ventre aconchegante de mulher.

Ao lado, um botão de malmequer,
a resguardar-lhe o viço e o pudor,
há muito já sabia que tal flor
era bem mais do que uma flor qualquer.

Vestido, com seu manto colorido,
um nobre colibri, já bem vivido,
há muito conhecia o malmequer.

A flor é o desejo sem algema,
o malmequer um verso do poema
que o colibri faz dele o que quiser.

Metáfora colonoscópica

Aquele olhar que enxerga quase tudo,
se pôs a devassar minhas entranhas,
a vasculhar nas teias de aranhas
em busca dalgum ente surdo-mudo.

E remexeu sem dó, sem parcimônia...
os antros do meu tubo digestivo,
como soubesse achar um bom motivo
pra brindar o final da cerimônia.

Aquele olhar agudo, sem-vergonha...
me desnudou, do reto ao duodeno,
qual uma cobra preta, sem veneno,
atrás dalguma fonte de peçonha.

Só pra satisfazer a velha sanha,
abocanhou um pólipó pequeno.

Metáforas aos poetas

Poetas são Platões embriagados,
que vagam, sob a luz do pensamento,
em busca das sementes de talento,
retidas pelas teias do passado.

Poetas são os ecos do pecado
alados pelas asas do perdão,
dês que o primeiro grito de Adão
foi, pelo Pater Noster, olvidado.

Poetas são Adões alienados
e Evas, sem maçãs nem paraíso,
que fazem duma chuva de granizo
um oceano inteiro congelado.

Poetas são humanos girassóis
que vivem a rodar, dia após dia,
em busca do calor da poesia
dos sonhos embrulhados nos lençóis.

Poetas são, de fato, todos vós
quando pensais com vosso coração.
Quando na paz da vossa solidão,
da alma, enfim, possais ouvir a voz.

Metáforar-Se

Ouvisses tu a voz do coração,
invés de escutar a própria voz,
quem sabe trocarias Eu por Nós
e renderia a culpa ao perdão.

Soubesses tu o quanto andei em vão
a procurar amor de peito em peito,
quem sabe poderias dar um jeito
de pôr o verbo amar na oração.

Tivesses lido o verso que te fiz
à luz do bê-a-bá da poesia,
quem sabe já soubesses que eu sabia
das tuas fantasias juvenis.

Tivesses visto o quanto fui feliz
por conta do teu cio de menina,
quem sabe sepultasses na retina
(junto da mais risonha cicatriz)

aquele verso tolo que refiz,
só para abençoar a nossa sina.

Última metáfora

Bateu-me à porta, torta e sorridente,
empunhando uma foice, velha e suja,
a famosa megera, a dita cuja,
que nos traz o futuro permenente.

E bateu outra vez e, novamente...
e mais uma, mais duas... na terceira
escolhi uma tora de madeira
e me pus a fitá-la frente a frente.

A distinta senhora então me disse:
há momentos, poeta, na velhice,
já previstos durante a criação,

que a matéria precisa repousar.
E se foi, sem dar bolas pro azar,
como fosse andorinha no verão.

Metáfora do mal do amor

O amor tem algo inato do ciúme,
herdado de algum antepassado.
Do sapo ou do príncipe encantado?
Do sol que inveja a luz do vaga-lume?

Não sei bem se por vício o por costume,
o amor briga por tudo e por nada.
Seja por uma roupa decotada
ou por um cheiro estranho de perfume.

Pergunto aos poetas, aos amantes,
aos bem-aventurados, aos errantes,
aos sábios, aos filósofos, a nós...

enfim, ao meu caríssimo leitor:
porque será, que em nome do amor,
o homem faz do homem seu algoz?

Metáfora à teoria da involução.

Tal qual o galileu crucificado,
morreram muitos homens espartanos.
E ainda hoje, mais de dois mil anos,
há cruz a esperar um condenado.

E também houve corpos sepultados
debaixo do fulgente cogumelo
que reduziu, a pó e a farelo,
milhões de corações evaporados.

Há algo entre a bomba e o martelo
que o tempo indulgente não apaga.
Algo mais tenebroso que a chaga
do beijo entre o pescoço e o cutelo:

Um livro que há muito está no prelo
para reeditar a mesma saga.